

Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)

Herausgegeben von / *Édité par*
Günter Holtus . Michael Metzeltin . Christian Schmitt

Band/Volume VI,2

Galegisch, Portugiesisch
Gallego, Português

Max Niemeyer Verlag
Tübingen 1994

446. Portugiesisch: Interne Sprachgeschichte und Entwicklungstendenzen

Evolução linguística interna

0. Introdução
1. Fonética e fonologia
2. Morfologia
3. Sintaxe
4. Léxico
5. Bibliografia

0. Introdução

A língua portuguesa é a mais ocidental entre as línguas românicas europeias. A posição geográfica «periférica» do português, comparável com a situação do romeno, no extremo oriental, relaciona-se, tradicionalmente, com uma certa natureza arcaica das estruturas linguísticas. Além de ser, quanto aos subsistemas fundamentais, uma língua românica claramente ocidental, o português é também, talvez, a língua ibero-românica mais típica, junto ao castelhano, procedente das imediações do País Basco e bastante excepcional nas suas estruturas, e ao catalão, próximo ao grupo galo-românico. Dentro da Península Ibérica, o português tem, não obstante, mais afinidades com o catalão (Alonso ¹1951, 11–100); por outro lado, existem algumas similitudes entre o português e os falares pirenaicos centrais (Baldinger ²1972, 160–230). Como factor decisivo para a evolução do português, costuma-se apresentar, em alguns casos, a influência eventual dum substrato celta.

1. Fonética e fonologia

1.1. Vogais

O sistema das vogais tónicas apresenta, desde as origens da língua, uma oposição entre ϵ e e , bem como entre \circ e o , existente também no catalão, mas desaparecido do castelhano. Além deste processo românico ocidental típico, o português oferece a particularidade de distinguir também entre a e α . Temos, por conseguinte, no português europeu actual, um sistema de oito fonemas vocálicos orais: $a \alpha \epsilon e i \circ o u$. As oposições de abertura não existem, contudo, no português do Brasil, antes duma consoante nasal.

A oposição ε/e (lat. \check{E} , $AE/\bar{E},\check{I}$, OE) conserva-se, fiel à etimologia, numa multidão de palavras. Apresentam um ε (aberto) p. ex. PĚDE *pé*, DĚCE *dez*, ĚRAT *era*, FĚLLE *fel*, FĚRRU *ferro*, HĚRBA *erva*, PĚTRA *pedra*, CAECU *cego*, CAELU *céu*. Um e (fechado) pronuncia-se p. ex. em DĚBET *deve*, ACĚTU *azêdo*, PLĚNU *cheio*, TRĚS *três*, PLĪCAT *chega*, VĪCE *vez*, NĪGRU *negro*, ĪPSE *esse*, ĪSTE *este*, COENA *ceia*, FOEDU *feito*. Em alguns casos, uma influência metafônica da vogal final alterou mais tarde a qualidade da vogal tónica, abrindo-a, quando deveria ficar fechada, p. ex. ĪPSA *essa*, ĪSTA *esta*, *ACCU ILLA *aquela* (cf. o outro extremo no género neutro dos demonstrativos: *isso*, *isto*, *aquilo*) ou fechando-a antietimologicamente, p. ex. MĚTU *medo*, CAPPĚLLU *cabelo*, GRAECU *grego*. Em dialectos setentrionais conserva-se ainda, esporadicamente, a pronúncia etimológica dos demonstrativos: *essa*, etc. (Leite de Vasconcelos ²1970, 108). A variação metafônica é especialmente importante na conjugação verbal, onde produz uma discrepância entre o grau de abertura da vogal dentro da série das formas que constituem o paradigma do presente. Ao lado dos verbos da primeira conjugação, que apresentam sistematicamente uma vogal aberta (*pegar*: *pego*, *pegas*) excepto no contexto nasal (*remar*: *remo*) ou palatal (*chegar*: *chego*), existe uma alteração da qualidade vocálica em verbos da segunda conjugação, por causa da metafonía ou assimilação exercida pela vogal da desinência *-o* da primeira pessoa: VĚRTU *verto*, mas VĚRTES *vertes*; por analogia, esta irregularidade estendeu-se ao conjuntivo: VĚRTAM *verta*, VĚRTAS *vertas* (cf. BĪBO *bebo*, BĪBIS *bebes*, BĪBAM *beba*). Na terceira conjugação, a metafonía aparece, no contexto especial da terminação latina *-IO*, com o iode, como variação entre i/ε : SĚRVIO *sirvo*, mas SĚRVIS *serve*. O português medieval ainda oferece uma certa vacilação entre as diversas tendências metafônicas e analógicas, deduzível das rimas nos Cancioneiros. Em conjunto, a oposição ε/e é viva e frequente, mas só apresenta poucos pares mínimos, p. ex. *colher* (COCHLEARIU) / *colher* (COLLIGERE), *se* (SĚDE, cat. *seu*) / *sê* (SĚDE), *demos* (DĚDĪMUS) / *dêmos* (DĚMUS).

É muito paralela a oposição \mathcal{O}/o (lat. $\check{O}/\bar{O},\check{U}$); têm uma vogal aberta p. ex. RŌTA *roda*, NŌVE *nove*, LŌCU *logo*, *AVIŌLA *avó*, *SŌCRA *sogra*, e um *o* fechado FLŌRE *flor*, ŌVU *ovo*, AMŌRE *amor*, LŪPU *lobo*, LŪTU *lodo*, (cf. *AVIŌLU *avô* SŌCRU *sogro*, formas analógicas criadas a partir das palavras femininas correspondentes, com influência metafônica). A metafonía observa-se em algumas palavras, como FŌCU *fogo*, MŌRTU *morto* (Cf. TŌTUM *todo tudo*), e também, provavelmente já desde a época primitiva, entre as formas singular e plural de ŌCULU *olho* / ŌCULOS *olhos*, PŌRCU *porco* / PŌRCOS *porcos*, bem como entre o masculino singular e as outras formas do sufixo *-oso*: *formoso*, *formosa*, *formosas*. Na conjugação também existe: VOLVO *volvo*, mas VOLVES *volves*, DORMIO *durmo*, DORMIS *dormes*.

A oposição a/α é de formação portuguesa. A vogal *a* normal (lat. \check{A} , \bar{A}) é aberta: FĀBA *fava*, CĀPU *cabo*, MĀRE *mar*, PRĀTU *prado*, PĀCE *paz*. Antes duma consoante nasal, a vogal fecha-se em α : *ama*, *ambos*, *pano*, *aranha*, etc. Parece que esta evolução talvez muito antiga está relacionada com a nasalização da vogal, favorável ao fecho. Fonologicamente, esta oposição não é forte; tem uma importância funcional apenas entre as formas verbais da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito (AMĀVIMUS *amámos*) e do presente de indicativo (AMĀMUS *amamos*). No português do Brasil, onde também as vogais ε e \mathcal{O} se fecham no contexto nasal, a oposição a/α é ainda mais precária e puramente esporádica (Câmara ²1976, 43).

As vogais longas latinas \bar{I} e \bar{U} deram por resultado normal as correspondentes românicas *i* e *u*: AMĪCU *amigo*, SŪSU *suso*.

As vogais átonas apresentam um quadro complexo de reduções, sobretudo no português europeu. Na posição pretónica, a oposição entre vogais abertas e fechadas perdeu-se, em

princípio, e deu como resultado um sistema de cinco vogais, com variantes fechadas de α , e e o : α (\check{A} , \bar{A}), e (\check{E} , AE , \bar{E} , \check{I} , OE), i (\bar{I}), o (\check{O} , \bar{O} , \check{U}), u (\bar{U}), correspondentes a palavras, como: *lagar, legar, ligar, morar e murar*. A traços largos, é este o sistema hoje vivo no Brasil. No continente europeu produziram-se, não obstante, algumas modificações que contribuíram para a ressurreição de oposições de qualidade: α (nas palavras proclíticas normais como: *a, da, mas*), a (em contracções e antes de grupos consonânticos cultos: $\alpha - \alpha = a$, VAGATIVU *vaadio vadio, baptismos*), i neutro (de origem moderna, p. ex. PLĪCARE *pregar*), ε (em contracções e antes de grupos cultos: PRAEDICARE *preegar pregar, rectidão*), i (p. ex. *ligar*; em posição inicial de palavra bem como em contexto consonântico palatal, existe uma tendência à confusão de \acute{i} e i pretónicos, pronunciando-se ambos como i : *esposo, distante*), o (principalmente, como resultado da monotongação de *ou*: AUTUMNU *outono*; a vogal inicial o em sílaba livre pronuncia-se normalmente como u), σ (em posição inicial em sílaba travada, em contracções e antes de grupos cultos: *hospedar*, COLORARE *coorar corar, adoptivo*), u (p. ex. *murar*; na maioria dos casos, a vogal o protónica fecha-se em u , produzindo uma fusão: *morar = murar*; têm um u , desta maneira, também os proclíticos de alta frequência: *o, do, no*, etc.).

Na posição postónica, a redução foi ainda maior e deu como resultado uma série de quatro vogais: α , e (em Portugal: \acute{i}), i , u , p. ex. nas palavras: *câmara, número, pálido, pérola*. Na posição átona final, conservam-se só três vogais: α , \acute{i} (Bras. i) e u : *cousa, sabe, carro*.

O carácter funcional da oposição entre vogais orais e nasais constitui uma particularidade conhecida do português. Além da nasalização fonética secundária de qualquer vogal na proximidade duma consoante nasal (p. ex. *ano, uma*), o português apresenta, como consequência duma evolução histórica especial (cf. 1.2.), oposições como: *mandado/mandando, leda/lenda, vi/vim, só/som, mudo/mundo*. Estas vogais nasais são em geral de timbre fechado; não incluem, excepto no galego, velarização, secundária do tipo francês. A nasalização produziu-se por influência da consoante nasal intervocálica desaparecida, bem como por causa das consoantes nasais iniciais e finais, dando como resultado uma série de cinco vogais: $\tilde{\alpha}$, \tilde{e} , \tilde{i} , \tilde{o} , \tilde{u} , p. ex. nas palavras GERMĀNA *irmã*, MĀTRES *mães*, BĒNE *bem*, NĒC *nem*, ĪN *em* (com uma ditongação posterior de \tilde{e} em $\tilde{e}i$ no Brasil e em $\tilde{a}i$ em Portugal), FĪNE *fim*, MĪHI *mim* (cf. a ressurreição da consoante nasal, palatal, em: VĪNU *vão vinho*, NĪDU *ninho*), BŌNU *bom*, ŪNU *um*, MŪLTU *muito*, VĀDUNT *vão* (Cf. ŪNA *ũa uma*; mas com uma velar em galego: *unha = uŋa*).

Quanto às terminações que têm um ditongo nasal, a primitiva série -ĀNU *-ão, -ãos* (GERMĀNU *irmão irmãos*), -ANE *-am, -ães* (CANE *cam cães*), -ENE *-em, -ens* (BĒNE *bem bens*), ĪNE *-im, -ins* (FĪNE *fim fins*), -ŌNE *-om, -ões* (RATIŌNE *razom razões*), -ŪNE *-um, -uns* (COMMŪNE: *comum comuns*), conserva-se fiel à etimologia, apresentando só uma confusão aparente do ponto de vista da língua moderna, por causa da extensão da forma *-ão*, no singular (*cão razão*).

Como resultado de várias evoluções, o português apresenta uma multidão de ditongos orais e nasais, crescentes e decrescentes, e também alguns tritongos. Desde o século XVII, o ditongo *ou*, alternando com *oi* (AURU *ouro oiro*), tendeu a monotongar-se em *o* nos dialectos centro-meridionais.

O sistema vocálico português experimentou relativamente poucas mudanças depois da época dos primeiros textos. Na sua fase actual, apresenta bastantes similaridades com o sistema catalão, também caracterizado pela conservação de graus de abertura de vogais. A existência de fonemas vocálicos nasais estabelece, por outro lado, um parecido com o domínio galo-românico (especialmente com o francês antigo).

1.2. Consoantes

No sistema consonântico, a diferença entre as fases medieval e moderna é maior. Em grandes linhas, o português compartilha as evoluções ocidentais gerais, como a lenização e a palatalização de consoantes em determinados contextos. O sistema consonântico actual é formado pelos seguintes fonemas: *p b t d k g f v s z ʃ ʒ m n ɲ l λ r r̄* (além das semiconsoantes *j, w*). O sistema medieval tinha também as africadas *ts dz tʃ dʒ*.

Na posição inicial, as forças perturbadoras do sistema latino estão quase sempre ligadas à palatalização; na posição intervocálica influem, além disso, a simplificação de grupos e geminadas bem como a sonorização das surdas. As oclusivas surdas actuais *p t k* procedem das correspondentes surdas ou geminadas do latim: PACE *paz*, CORPU *corpo*, CIPPU *cepo*, TANTU *tanto*, STRATU *estrado*, SAGITTA *seta*, CASA *casa*, BUCCA *boca*; na posição inicial e junto a outras consoantes como *r*, conservam a sua qualidade antiga. A labiovelar *kw* também tendeu a simplificar-se em *k*, sobretudo diante das vogais *e* e *o*: QUEM *quem*, QUID *que*, QUOMODO COMO, *ACCU HIC *aqui*. Popularmente, a mesma tendência teve muita força até diante da vogal *a*, mas a influência culta fez ressurgir o elemento labial: QUANDO *cando quando*, QUALE *cal qual*.

As oclusivas sonoras *b d g* do português provêm, na posição inicial e junto à outra consoante, das correspondentes latinas: BENE *bem*, MEMBRU *mebro*, DARE *dar*, UNDE *onde*, GUTTA *gota*, SOCRU *sogro*. Também podem proceder da simplificação da geminada (ABBATE *abade*, ADDUCERE *aduzir*) bem como da sonorização, na posição intervocálica e antes das vogais *a o u*, das oclusivas surdas latinas: SAPUIT *soube*, COGITATU *cuidado*, HOC ANNO *ogano* (também AQUILA *águia*). Como som originariamente secundário, *g* veio a acompanhar a labial inicial nas palavras germânicas (WARDAN *guardar*, WERRA *guerra*). As oclusivas sonoras latinas tenderam a desaparecer na posição intervocálica (CONFIDO *confio*, LEGALE *leal*; mas cf. FUNDU *fundo*, LINGUA *língua*), depois duma fase fricativa, mas a consoante *b* deu geralmente uma nova labiodental *v*: HABERE *haver*. O *b* intervocálico do português moderno, em geral não procedente, naquela posição, da consoante latina *b*, pronuncia-se hoje como fricativa *β*, da mesma maneira que as intervocálicas *d* e *g* se pronunciam *δ* e *γ*: *aβa* (também: *Lisβoa*), *dayo*, *gayo* (também: *vesδo*). Pode observar-se por conseguinte, uma cadeia de lenização desde geminadas até fricativas sonoras ou desaparecimento total (*pp p b β*, *tt t d δ*, *kk k g γ*), com a particularidade portuguesa, frente ao castelhano, da existência duma consoante labiodental sonora.

Além da labiodental sonora *v*, o português tem a consoante surda correspondente *f*. A conservação do *f* inicial constitui outra característica comum entre o português e as outras línguas românicas ocidentais, excepto o castelhano e o gascão (Baldinger²1972, 23, Jungemann 1955, 362–416): FILIU *filho*, FERRU *ferro*, FACERE *fazer*, etc. O *f* conserva-se também, no interior da palavra, depois da consoante nasal *n* do latim: INFANTE *infante*, INFERNU *inferno*. Ainda pode proceder da geminada (OFFENDO *ofendo*) bem como das consoantes árabes *ح* e *خ* precedidas do artigo *al* (خ: AL-ḤUMBRA *alfombra*). A sonora *v*, por outro lado, provém do *f* intervocálico (PREFECTU *proveito*), do *b* intervocálico ou precedido de *l* ou *r* (HABERE *haver*, ALBA *alva*, ARBORE *árvore*) ou do *v* inicial ou intervocálico latino, através duma fase de pronúncia bilabial (VACCA *vaca*, VIDERE *ver*, NOVE *nove*).

O sistema das fricativas chiantes ou palatais era mais complicado no português antigo e apresentava características parecidas àquelas do sistema castelhano antigo (Tallgren-Tuulio 1906, Malkiel 1984). O português medieval tinha, até à reestruturação do século XVI, as três chiantes ainda existentes *s z ʃ*, mas também uma série de africadas: *ts dz tʃ dʒ*. O *s*, ápico-alveolar na zona norte e predorso-dental no sul, provém do *s* inicial latino, da geminada intervocálica *ss*, e às vezes dos grupos intervocálicos *ks* ou *rs*: SAPERE *saber*, PASSU *passo*, DIXI *disse*, PERSONA *pessoa*. A correspondente sonora *z* procede principalmente da

intervocálica latina simples *s*: ROSA *rosa*; apresenta a mesma variação fonética norte-sul que a surda correspondente. A palatal *f* tem a sua origem nos grupos latinos *ks* e *sk* (BUXU *buxo*, MISCIERE *mexer*), mas também em algumas outras combinações que incluem o iode (p. ex. PASSIONE *paixom paixão*). O *s* final tendeu a palatalizar-se, talvez desde uma época remota (Huber 1986, 119, Williams ¹1938, 92), mas é difícil averiguar a data exacta do fenómeno: NOBIS *nóf*.

As quatro africadas antigas formaram-se principalmente por meio da palatalização das dentais e das velares. A surda *ts* provém dos *t* e *k* palatalizados (PRÉTIU *preço*, FÁCIO *faço*, DULCE *doce*, CIVITATE *cidade*, DECE *dez*), mas também, em alguns casos, do *d* (AUDIO *ouço*). A sonora *dz*, só intervocálica, também se baseia em *t* e *k*, num contexto acentual diferente (RATIÓNE *razom*, PRETIÁRE *prezar*, COQUÉRE *cozer*), embora seja possível estabelecer a influência duma multidão de factores na formação da oposição surda/sonora (graficamente em geral: *ç/z*) (cf. Malkiel 1984, 7–18). A surda *tf*, por outra parte, só inicial, constitui o resultado peculiar e particular português da evolução dos grupos consonânticos iniciais *kl pl fl*: CLAMARE *chamar*, PLENU *cheio*, FLAMMA *chama*. Representa a fase mais palatalizada na cadeia de alterações que experimentaram estes grupos, conservados sem mudança, p. ex. no catalão (*flama*) e no francês (*flamme*), parcialmente palatalizados no italiano (*fiamma*) e no castelhano (*llama*). A sonora *dʒ* foi inicial (GENERALE *geral*, IURARE *jurar*), mas provavelmente também, pelo menos na fase mais primitiva, intervocálica (HODIE *hoje*, ECCLESIA *igreja*, ANGELU *anjo*).

No século XVI, na época das grandes alterações históricas e culturais da Península Ibérica, e coincidindo com uma transformação similar no castelhano, as africadas vieram a simplificar-se e a confundir-se com as fricativas correspondentes: CENTU *cem*, PALATIU *paço*, etc. com SINE *sem*, PASSU *passo*, etc. (em dialectos trasmontanos, não obstante, *passo* tem uma ápico-alveolar e *paço* uma predorso-dental), e por outro lado, COQUERE *cozer* com CONSUERE *coser*, etc. A simplificação das africadas coincidiu com a expansão, do sul, da pronúncia predorso-dental de *s* e *z*. A confusão, um pouco mais tarde, de *tf* com *f*, e a simplificação definitiva de *dʒ* em *ʒ*, fenómenos também procedentes do sul, eliminaram as últimas africadas, p. ex. em PLUVIA *chuva*, GENTE *gente*. Contudo, o resultado da evolução não constituiu numa dessonorização da série *z dz dʒ*, conservada em português como *z z ʒ*, perante a castelhana *sθ x* (cf. p. ex. a pronúncia moderna, em português e castelhano, de CONSUERE *coser/coser*, COQUERE *cozer/cocer*, IURARE *jurar/jurar*; mas cf. COLLIGERE *colher/coger*). Curiosamente, entre o português e o castelhano existe uma diferença quanto à presença histórica das consoantes *tf* e *f* na época medieval, ambas as línguas tinham ambos os fonemas (FLAMMA *chama*, cast. *llama*; FACTU *feito*, cast. *fecho*; BASSIU *baixo*, cast. *baxo*; a transformação do século XVI eliminou o *tf* português (excepto nos dialectos norte-orientais) e também o *f* castelhano: *chama*, *bajo*).

As consoantes nasais persistiram na posição inicial (MALU *mau*, NATA *nada*) e nas combinações com outra consoante (CARNE *carne*). As geminadas intervocálicas deram uma simples (FLAMMA *chama*, ANNU *ano*). O contacto com o iode palatalizou o *n* em *ɲ* (AGNU *anho*, ARANEA *aranha*, VINU *vinho*). Historicamente, foi significativa a sorte do *n* intervocálico, desaparecido (mas já não nos arabismos, de introdução mais recente) depois de ter nasalado a vogal precedente (veja-se o parágrafo anterior), p. ex. BONU *bom*. Este processo, similar ao experimentado pela líquida intervocálica *l*, velarizada e depois desaparecida (COLORARE *coorar corar*, DOLORE *door dor*, etc., com um hiato na língua medieval) constitui uma característica típica do português, talvez relacionada, na sua origem, com hábitos rítmicos e de acentuação, mais tarde especialmente fortalecidos no português europeu, que vieram a ter consequências amplas para a natureza da língua, separando o romance lusitano definitivamente das falas mais orientais (MAMMULA *mámoa*, cast. *mambla*, cf.

DCECH s. v. *mama*). Não é impossível que estes hábitos tenham uma base na influência de substratos (Sletsjøe 1959, 314).

A líquida inicial *l* conservou-se (LACU *lago*), a geminada simplificou-se (CABALLU *cavalo*); velarizou-se em *ʃ* numa época primitiva, sobretudo na posição final ou final de sílaba (*geral, salto*; no Brasil até *u*) e a acompanhada do iode palatalizou-se em *λ* (FILIU *filho*, PALEA *palha*, SPECULU *espelho*, VETULU *velho*). Todas estas evoluções serviram para estabelecer uma rede de coincidências e diferenças com as outras línguas ibero-românicas (*leito/lecho/lit, gera/ʃgeneral/general, filho/hijo/fill, cavalo/caballo/cavall*).

Uma das últimas transformações que está a produzir-se no sistema consonântico português consiste na uvularização, a partir da região de Lisboa, da pronúncia da *r̄* geminado (p. ex. *rato, razão, carro, terra*; às vezes, a dorso-uvular *R* chega a uma dorso-velar surda *x*); esta evolução portuguesa autóctone, já observada no século passado (Gonçalves Viana ¹1883; ²1941, 25) provavelmente terá uma extensão maior por causa do prestígio da norma lisboeta. O *r* simples é apical, tanto na posição final (*mar, falar*) como na intervocálica, onde fica em oposição com a múltipla (*caro/carro*).

Na fonética sintáctica, o português apresenta o fenómeno da ligação: o *ʃ* final sonoriza-se em *z* (seguido de vogal: *as armas*) ou em *ʒ* (seguido de consoante sonora: *os barões*); historicamente, a transformação fono-sintáctica afectou *s* e *r*, e assimilou ambos com *l*: *todas as, toda-las, por-o, polo, per o, pelo, cantar-o-ei, cantá-lo-ei*, etc.; em alguns contextos, o resultado foi nasal: *com o, conno* (hoje reestruturado: *com o, em o, enno, no*).

2. Morfologia

2.1. Nome e pronome

Na estrutura gramatical românica, e portanto também portuguesa, o sistema latino de elementos de relação, composto de casos e preposições, foi substituído por um sistema exclusivamente prepositivo. Por conseguinte, os substantivos e adjectivos portugueses são variáveis unicamente em género e número. Como novos determinadores ou actualizadores prepostos, o sintagma nominal pode receber os artigos.

Normalmente, a base das formas românicas foi o caso oblíquo híbrido, uma espécie de «acusativo». Só algumas palavras podem derivar-se, morfo-foneticamente, de outros casos: nominativo: BUBO *bufo*, DAEMON *demo*, DRACO ant. *drago*, MAGISTER *mestre*, SOROR *sor*, CANCER *câncer*, DEUS *deus*, CAROLUS *Carlos*, MARCUS *Marcos*, IESUS *Jesus*, PRAESTIS ant. *prestes*, INVITUS ant. *anvidos*, LATRO ant. *ladro*, TRADITOR ant. *tredro*, etc.; genitivo: MARTIS ant. *martes*, IOVIS ant. *joves*, VENERIS ant. *vernes*, cf. anal. ant. *lûes, mercores*, MARTIN(U) + ICI *Martines*, WIMARANIS *Guimarães*, etc.; ablativo: HAC HORA *agora*, HOC ANNO ant. *ogano*, FLAVIIS *Chaves*, SACRIS *Sagres* (Cornu 1882, 79–81; Leite de Vasconcelos ²1926, 41). Muitas vezes, a conservação destas formas deveu-se a factores excepcionais, como p. ex. a influência culta.

A marca do género é, nos substantivos e adjectivos terminados em *o* ou *a*, em princípio, esta oposição mesma, entre o masculino e o feminino (também há excepções etimológicas: *dia* = m., *mão* = f.). Parte dos substantivos femininos em *-a* provém da primeira declinação latina (MENSA *mesa*), ao lado de outros cuja declinação se confundiu, na fase proto-românica, com esta primeira; é p. ex. o caso conhecido de alguns nomes da quinta declinação latina (DIES DIA *dia*). Entre os substantivos portugueses terminados em *-o*, há igualmente palavras procedentes das declinações latinas terceira (CAPU *cabo*) e quarta (METU *medo*), além das da segunda (AMICU *amigo*). Às vezes, existe entre dois substantivos uma oposição baseada nesta

diferença: *filho/filha* (cf. os adjectivos: *formoso/formosa*). Nos substantivos e adjectivos que terminam em consoante ou na vogal *e*, o género não tem marca externa (*mês* = m., *vez* = f.; *doente* = m./f.). No português antigo, o homorfia era ainda maior; as palavras derivadas das formas latinas terminadas em -ORE ou -ENSE só tinham uma forma românica para os dois géneros: é ilustrativo o uso frequente da expressão *mãa senhor* nos Cancioneiros. Em muitos casos, a evolução analógica impôs rapidamente uma forma feminina com -a. Também houve mudanças de género (*mar* lat. n., ant. f. mod. m.). Os neutros latinos fizeram-se em geral masculinos (MELLE *mel*); é interessante observar a criação, também em português, de oposições lexicais baseadas em duas formas distintas duma palavra latina: o neutro singular e plural (LIGNU *lenho*, LIGNA *lenha*).

Quanto ao número, a expressão do plural realiza-se por meio de *s* final procedente do acusativo plural latino; é um sistema simples, só complicado por factores secundários superficiais, como a alteração metafónica das vogais (cf. l.l.), a tendência analógica de reduplicar o morfema plural em algumas palavras (p. ex. *HYDRIOLA *eiró* pl. *eirós*, sg. *eirós* pl. *eiroses*), a vacilação nas palavras compostas, a invariabilidade de alguns estrangeirismos (ingl. *Sandwich sandes* pl. *sandes*), etc.

A gradação dos adjectivos expressa-se por meio do elemento *mais* (lat. MAGIS) ou *menos* (lat. MINUS); na língua antiga usava-se também *chus* (lat. PLUS), conservado hoje na frase *nem chus nem bus* (Machado ¹1952–1959 s. v.). Conservam-se também, como nas outras línguas românicas, alguns comparativos sintéticos: MAIORE mod. *maior*, ant. *maor mor* (N. B. *capitão-mor*), MINORE mod. *menor* ant. *mëor meor*, MELIORE *melhor*, PEIORE ant. *peior* mod. *pior*, e os cultismos *anterior*, *posterior*, etc. Para determinar o grau do superlativo estabeleceu-se o artigo definido colocado antes do adjectivo; além disso, existem as possibilidades de expressar o superlativo absoluto com a partícula *muito*, antes do adjectivo, e por meio dos derivados cultos do sufixo -ISSIMU: *muitíssimo*, *excelentíssimo* (cf. também as formas em princípio superlativas, como *ótimo* e *máximo*).

O novo determinante românico do sintagma nominal, o artigo, baseia-se, na sua variante definida, no pronome demonstrativo latino ILLE: segundo as regras morfo-fonéticas do português, as várias formas derivadas deste pronome perderam a consoante *l*, originariamente geminada, mas exposta às condições especiais da posição proclítica: ILLU ILLA ILLOS ILLAS deram o *a os as* (cf. os pronomes pessoais átonos). O *l* antigo só perdura nas contracções com as consoantes finais do elemento precedente (cf. 1.2.). As preposições de alta frequência *a* e *de*, por outro lado, apresentam contracções com o artigo (*ao* ant. *au ou óó*, *à* ant. *aa*, *do da*). O artigo indefinido, destinado a expressar uma actualização menos rígida do nome, tem a sua base lógica no numeral latino UNU UNA UNOS UNAS *um* ant. *hum úú ùu ù*, *uma* ant. *ũa* (em galego *unha*, com *ŋ*), *uns*, *umas*. O português não pôde conservar, por factores em parte relacionados com a evolução particular do *l* intervocálico, a diferença entre artigo masculino e neutro (em castelhano *el/lo*), pelo qual não apresenta sinal morfológico exterior nenhum para expressar este género. A língua antiga teve, como o castelhano antigo e ainda o francês moderno, um uso especial da preposição *de* unida ao artigo, chamado «artigo partitivo»: *deram-lhe da aygua a beber*; as causas do desaparecimento deste uso ainda não se explicaram duma maneira satisfatória (não obstante, cf. Körner 1981).

A criação dum sistema pronominal pessoal átono ou «clítico» (proclítico ou enclítico) foi uma das maiores transformações que contribuíram para estabelecer um novo sistema gramatical românico, radicalmente diferente do latino. Entre todos os pronomes, são os pessoais que mais inovação apresentam, especialmente no uso da série átona. Morfológicamente, estes pronomes baseiam-se nos pronomes pessoais (1ª e 2ª pessoa, além da forma reflexiva) e demonstrativos (3ª pessoa) do latim. A série tónica divide-se em duas sub-séries: os pronomes sujeito e os pronomes oblíquos (estes, usados hoje principalmente com preposições, na língua medieval também como objectos).

As formas que expressam o sujeito provêm quase todas dos nominativos latinos: EGO *eu*, Tu *tu*, ILLE *ele* ant. *el*, ILLA *ela*, NOS *nós*, VOS *vós*; as formas da terceira pessoa do plural são possivelmente criações analógicas e têm o seu modelo nos pronomes do singular: *eles* ant. também *eis*, *elas*. A combinação de NOS e VOS com o derivado de ALTERU não teve êxito em português; persistem, contudo, e com uma solidez maior que no castelhano, as formações construídas por meio do pronome possessivo seguido dum substantivo: *vossa mercê* pop. *vossemecê* abrev. *vosmecê* hoje *você*, e *vossa excelência* abrev. *vocência*. As formas oblíquas tônicas provêm, em parte, dos pronomes latinos dativos: MIHI ant. *mi* hoje *mim* (com nasalização da vogal por influência do *m* inicial), TIBI *ti*, SIBI *si* dialectalmente *sim* (cf. *mim*); os pronomes oblíquos da terceira pessoa (cf. também o antigo ILLUD *ello*) são os mesmos que se usam para o nominativo. Na língua antiga usavam-se ainda os pronomes tônicos MECUM *migo*, TECUM *tigo*, SECUM *sigo*, NOBISCUM *nosco*, VOBISCUM *vosco*, hoje sempre precedidos de *com*.

Os pronomes pessoais átonos apresentam, em princípio, uma série dativa ao lado da acusativa. No português antigo, a diferença era mais sistemática do que é na actualidade, por oferecer o dativo uma séria mais completa. As formas do acusativo são: ME *me*, TE *te*, SE *se*, ILLU *o*, ILLA *a* (depois duma evolução na posição intertónica, com a eliminação do *l* intervocálico), NOS *nos* (dialectalmente também *mos*, por acção analógica do sufixo verbal da mesma pessoa), VOS *vos*, ILLOS *os*, ILLAS *as*. Na língua antiga, a série do dativo foi: MIHI *mi*, TIBI *ti*, ILLI *li* (também é possível, nas pessoas 1ª e 2ª, a analogia pela 3ª) ILLIS *lis*. Posteriormente, as formas acusativas *me* e *te* triunfaram sobre as com *i*; desapareceu também *li*, *lis*, passando a *lhe*, *lhes* (procedente, segundo Williams 1938, 152, da combinação ILLI ILLU *lhello*). A palatalização da consoante inicial do pronome, talvez facilitada pelas combinações com outros pronomes, proporcionou as formas medievais TIBI *che*, SIBI *xe*, especialmente frequentes nos textos galegos antigos. No português moderno, só a terceira pessoa apresenta um pronome derivado do dativo latino: *lhe*, *lhes*. Os fenómenos morfo-fonéticos observados em outros lugares também aparecem como resultado da justaposição de dois pronomes átonos (*me + o > mo*, etc. *ma mos mas*, *to ta tos tas*, *lho lha lhos lhas*; *nos + lo > no-lo*, etc. *no-la no-los no-las*, *vo-lo vo-la vo-los vo-las*, etc.); o antigo *lhe-lo* (de: *lhes + lo*) perdeu-se, pelo que o moderno *lhos* tem duas interpretações (*lhe os* e *lhes o*).

Os pronomes possessivos, em princípio tônicos (usam-se no português moderno frequentemente com o artigo definido até quando são adjectivos), conservam uma relação morfológica íntima com os pronomes pessoais: MEU *meu* ant. também *mou* (por analogia com *tou*, pl. *meus*), MEA *mãa minha* (cf. VINU *vinho*), TUU ant. *tou* hoje *teu* (por analogia com *meu*), TUA *tua*, SUU *sou seu*, SUA *sua*, NOSTRU *NOSSU *nosso* (mas ant. *Nostro Senhor*, por cultismo), VESTRU *VOSSU (por analogia com *NOSSU) *vosso*. No português antigo usavam-se variantes abreviadas das formas femininas do singular, na posição proclítica: *ma ta sa*.

Como já se expôs (cf. I.I.), os pronomes demonstrativos apresentam uma evolução vocálica especial, devida à influência da metafonia: IPSE *esse*, IPSA *essa*, IPSU *esso isso*, *esses*, *essas*, ISTE *este*, ISTA *esta*, ISTU *esto isto*, *estes*, *estas*, *ACCU ILLE *aquele* *ACCU ILLA *aquela*, *ACCU ILLU *aquelo aquilo*, *aqueles*, *aquelas*; na língua antiga houve, dentro dum sistema tripartido, variantes reforçadas por meio do derivado de *ACCU também para *esse* e *este*: *aquesse*, *aquessa*, *aqueste*, *aquesta*, etc. Os demonstrativos do latim ainda persistem na conjunção PER HOC ant. *però* e nos pronomes *METIPSE ant. *medês*, *METIPSIMU *meesmo mesmo*.

Os interrogativos e relativos tiveram, além da complicação relacionada com a derivação do elemento multifuncional e híbrido *que* (relativo e interrogativo QUI, QUIS, conjunção QUIA *ca que*, conjunção QUAM *ca que*), uma evolução simples: QUEM *quem*, CUIU *cujo*, QUALE *qual*, QUALES *quais*, QUANTU *quanto*, UNDE *onde*, UBI ant. *o*. Os pronominalo-adverbiais

IBI ant. *i* hoje *aí* com um prefixo expressivo, e INDE ant. *ende* abrev. *en*, frequentes também no castelhano antigo, não persistiram, ao contrário do que aconteceu no catalão. Quanto aos pronomes indefinidos, o português segue a linha ibero-românica comum. Os pronomes mais importantes são directamente originários do latim: ALTERU *outro*, ALIQUEM *alguém*, ALIQUOD *algo*, *ALIQU + UNU *algum*, *NE + QUEM ant. *nequem* hoje *ninguém*, *NE + UNU ant. *nē hum* hoje *nenhum* (cf. *vinho*), *NEC + UNU ant. *nengum ningum*, UNOS *uns*, TOTU *todo tudo*, TALE *tal* ant. também *atal*, etc. Alguns pronomes de alta frequência no português medieval não chegaram a persistir até hoje: ALID, *al*, HOMINE *homen*, HOMO (*h*)ome (ou talvez abreviação oralizada de *homem*), NULLU *nulho* (p. ex. na locução, possivelmente de origem provençal, formada com REM *rem*: *nulha rem*), NATU *nado* (hoje só NATA *nada*), CAUSA *cousa* ‘nada’, TAM MAGNU *tamanho*, QUAM MAGNU *camanho*. É de origem grega culta *κατα* *cada*. Junto aos pronomes originários do latim, há outros de formação românica, como *qualquer*.

2.2. Preposição e advérbio

A perda do sistema casual latino, usado como parte dum sistema de elementos de relação onde também entraram as preposições latinas, foi substituída por meio da transformação funcional de algumas preposições básicas, como AD, DE, IN, CUM, PRO, PER, as quais vieram a assumir funções mais abstractas, derivadas das suas significações latinas, muitas vezes concretas e precisas, p. ex. locais (Câmara ²1976, 177). O sistema prepositivo românico (e português) não é mais rico em morfemas do que foi o latino, porque muitas preposições latinas perderam-se sem deixar rasto. Contudo, o enriquecimento funcional dos seus elementos componentes bem como a criação de novas preposições fazem dele um sistema não menos forte e útil que o conjunto dos elementos de relação de que dispunha o latim (Riiho 1979, 289).

No português existe um grupo de preposições monossilábicas derivadas do latim: AD *a*, CUM *com*, DE *de*, IN *em*, PRO *por* (na língua antiga também PER *per*), SINE *sem*, SUB ant. *so* hoje *sob*. *Por* e *per* confluíram do ponto de vista funcional e fonético: depois do século XVI, e independentemente do intento purista de ressuscitar *per*, a forma simples é *por*; na contracção com a artigo definido permanece uma reminiscência de *per*: *pelo*. Também são de origem latina directa: ANTE *ante*, INTER ant. *antre* hoje *entre*, CONTRA *contra*, SECUNDU *segundo*, SUPER *sobre*. A única preposição talvez originária de fora do latim é *até* ant. *atee ata ataa adta atas*, etc., possivelmente procedente do árabe ----- (ḤATTA); também se mantém a etimologia latina AD TENUUS. Estas preposições podem juntar-se com outras, para estabelecerem novas formas etimologicamente complexas: DE EX DE *desde*, DE ANTE *diante*, PER ANTE *perante*, *por/per* + *a* > *para para* (veja-se Riiho 1979, 200), etc. Em muitos casos, uma preposição portuguesa de criação românica só pode usar-se acompanhada dum nexos que a enlaça com o complemento nominal; por outro lado, a função da preposição pode precisar-se por meio de outra preposição breve, colocada antes da mesma. Explica-se assim a formação das chamadas «locuções prepositivas» ou elementos de relação complexos. A base latina destas locuções é às vezes uma preposição ou um advérbio: *antes de*, *acerca de*, *depois de*, *detrás de*, *dentro de*, *ao redor de*, *em redor de*; outras vezes é um substantivo: *a cabo de*, *a par de*, ant. *a cas de*, *a fim de*, *acima de*, *ao pé de*, *em vez de*, *em lugar de*, *em virtude de*, *por causa de*, etc. Também pode ser um adjectivo, como em: *ao longo de*, *debaixo de*; ou uma forma verbal: *perto de*, *junto a*. Também há preposições simples baseadas em formas verbais: *salvo*, *excepto*, *mediante*, *durante*, etc. Não existem estudos profundos sobre a sistemática histórica da constituição do sistema prepositivo nem sobre a variação interna do mesmo (*abaixo*, *debaixo*, *em baixo*, *por baixo*).

As conjunções cumprem, entre duas orações, a mesma função de intermediário que exercem as preposições entre o verbo e o elemento nominal. Em português, ao lado das conjunções

coordenativas latinas transformadas, como ET *e*, NEC **ne nem*, AUT *ou*, VEL ant. *vel*, há bastantes formas de criação românica, originárias de advérbios, adjetivos e outros elementos latinos, p. ex. MAGIS *mais mas*, POST *pois*, PER HOC ant. *però*.

O elemento híbrido (cf. acima) constitui o sinal principal de subordinação e serve também como suporte importante de conjunções complexas de origem variada: a *que*, *de que*, *por que*, *para que*, *com que*, *sem que*, *até que*, *desde que*, *depois que*, *ainda que* (de origem incerta AD INDE AD, AB INDE AD, AD HINC DE AD?), etc. Conservam-se também outras conjunções de subordinação latinas, como QUANDO *quando*, SI *se*, UBI ant. *u*, (cf. também *μακάριε* ant. *macar*), ao lado das criações românicas, como *em boa hora* > *embora*.

Quanto aos advérbios, o português apresenta várias particularidades, que oferecem, às vezes, problemas etimológicos. A língua antiga tinha duas séries tripartidas de advérbios locais: *ACCU HIC *aqui*, *ACCU HAC *acá*, *ACCU HOC *acó*, *AD ILLIC *ali*, *AD ILLAC *alá*, *AD ILLOC *aló*; hoje só persistem *aqui*, *cá*, *ali* e *lá*. Desapareceu também *ACCU *aque* (hoje só popular). *ACCU INDE *aquende* e *AD ILLIC INDE *alende* reduziram-se em *aquém* e *além*. ALIORSU *ALIORSE ant. *algun alhur* e a sua contrapartida negativa *nenhur* (talvez provençalismos, cf. francês *ailleurs*) receberam o chamado *s* adverbial: *algures*, *alhures*, *nenhures*. Os temporais também se constituíram como resultado da aglomeração de vários elementos latinos: AD NOCTE *ontem*, HODIE (HOC DIE) *hoje*, AD *MANIANA *amanhã* (ant. também CRAS *cras*). Como particularidades portuguesas, é interessante observar a existência das formas ?RE- ant. *ar er*, HERI ant. *eire eiri* (cf. francês *hier*), CITO *cedo*, IN BONA HORA *embora*, INDE AD / AB INDE AD / HINC DE AD / AD HINC DE AD / AD HINC ant. *inda hoje ainda*, e QUOTTIDIO ant. *cotio*. Os outros advérbios, incluídos o afirmativo SIC *sim* (com nasalização, talvez por influência de *nom*) e o negativo NOM *nom* não, seguem a linha ibero-românica geral; os arcaísmos, hoje perdidos, como AD DURU *adur*, AD SATIE *assaz*, INVITUS *anvidos*, *AGINA *aginha*, IN SIMUL *ensembra*, DE PLANE de *pram*, etc. ajustam-se ao modelo também encontrado no castelhano antigo.

2.3. Verbo

A evolução do sistema verbal foi similar à do nominal. As conjugações tenderam a confluir e os sufixos indicadores de pessoa simplificaram-se por causa da redução fonética. O resultado não consistiu, contudo, numa eliminação tão forte da morfologia latina como a sofrida pela declinação. Para completar o sistema simplificado, originário do latim, formaram-se novos tempos compostos, de criação românica.

O português tem três conjugações: a 1ª em *-ar*, a 2ª em *-er* e a 3ª em *-ir*. A primeira é a única produtiva hoje, e os verbos que a compõem provêm na sua maioria dos latinos da primeira: CANTARE *cantar*; também há verbos de origem germânica, como *WISAN *guisar*, *RAUBJAN *roubar*, *WAIDANJAN *ganhar*, bem como verbos procedentes da desaparecida terceira conjugação latina: EXSUGERE EXSUCARE *enxugar*. Passaram à segunda conjugação portuguesa a maioria dos da segunda latina, como SEDERE *ser*, alguns da terceira latina, p. ex. CADERE *caer*, e os chamados incoativos, como APPARESCERE *aparecer*. A terceira portuguesa corresponde à quarta latina, com FERIRE *ferir*, etc.; contém igualmente verbos das conjugações latinas segunda (RIDERE *rir*) e terceira (FUGERE *fugir*); como sinal da sua antiga produtividade, existem alguns verbos germânicos (*WARJAN *guarir*). Alguns verbos mudaram de conjugação na época portuguesa documentada: DICERE ant. *dezir* hoje *dizer*. A terceira conjugação latina só persiste, talvez, morfologicamente, nas formas básicas usadas no futuro e condicional de *dizer*, *fazer* e *trazer*: *dir* (cf. *direi*), *far* e *trar*.

As formas verbais simples, herdadas do latim, são as seguintes: o presente do indicativo, o imperativo, o presente do conjuntivo, o imperfeito do indicativo, o pretérito perfeito, o

mais-que-perfeito do indicativo e do conjuntivo e o futuro do conjuntivo. As novas formações românicas, originariamente analíticas, mas rapidamente reconvertidas em sintéticas, são: o futuro do indicativo, o condicional e o chamado infinitivo ou infinito pessoal ou flexionado. Os tempos compostos, também de criação românica, baseados hoje na combinação do particípio passado com uma forma conjugada do verbo *ter*, são vários e permitem a construção de expressões de quase todos os tempos e modos. Na estrutura passiva o verbo auxiliar é *ser*. As formas não flexionadas do verbo são, no português, o infinitivo, o gerúndio e o particípio passado.

As desinências do presente conservam uma relação estreita com as latinas: 1ª sg. *-O* > *-o*, 2ª sg. *-S* > *-s*, 3ª sg. *-T* > *-ø*, 1ª pl. *-MUS* > *-mos*, 2ª pl. *-TIS* > ant. *-des* hoje *-is*, 3ª pl. *-NT* > *Ń* (vogal nasalada). A oposição entre o indicativo e o conjuntivo estabelece-se por meio dum jogo com as vogais do sufixo. O indicativo tem, além da primeira pessoa do singular com *-o*, na primeira conjugação, a vogal *-a-* (*canto, cantas*), que constitui, para as outras conjugações, um sinal do conjuntivo (*venda, vendas; parta, partas*). A vogal *-e-*, que expressa o indicativo nas segunda e terceira conjugações (*vendo, vendes; parto, partes*), constitui a marca do conjuntivo na primeira (*cante, cantes*). O sistema é, em princípio, o mesmo que o latino, com CANTO, CANTAS frente a CANTEM, CANTES. As transformações sofridas pelos sufixos entram no contexto fonético histórico já exposto. A perda do *m* final da primeira pessoa do singular (CANTEM), a sonorização e a perda, no século XV (Williams 1938, 170) do *t* intervocálico na segunda do plural (CANTATIS ant. *cantades* hoje *cantais*), bem como o desaparecimento do *t* final nas terceiras pessoas (CANTAT *canta*, CANTANT *cantam*), com nasalização da vogal final no plural, são fenómenos observados também nos outros subsistemas da língua. Às vezes, há factores fonéticos especiais, como a metafonia (cf. 1.1), que produzem alterações no interior da conjugação. Entre estes fenómenos poderiam citar-se também a influência analógica sofrida pela primeira pessoa do singular de alguns verbos (p. ex. PARESCO ant. *pareSCO* hoje *pareço*, cf. PARESCIS *pareces*), bem como a irregularidade compreensível de certas formas verbais de alta frequência, como algumas que entram no paradigma de ESSE/ESSERE/SEDERE: SUM ant. *som* hoje *sou* (analogia com STO, *estou*), ES *és*, EST *é* SUMUS *somos*, *SUTIS ant. *sodes* hoje *sois* (ESTIS > *ø*; analogia com SUM, SUMUS), SUNT ant. *som* hoje *são*.

As formas do imperativo português são hoje próximas das do presente do indicativo, apesar de serem, em geral originárias do 1º imperativo latino: MONSTRA *mostra*, MONSTRATE *mostrai*. Os verbos derivados da quarta conjugação latina tinham até ao século XIV um imperativo singular em *-i*: PARTI *parti*, talvez analogicamente estendido também aos verbos em *-er*: VENDE ant. *vendi*; depois, estas formas desapareceram pela influência analógica do presente do indicativo, e deram as actuais *parte* e *vende*. A mesma analogia fez desaparecer os imperativos como DIC ant. *di* hoje *diz(e)*; ainda persiste uma vacilação entre *faz e faze, traz e traze*. As formas do plural tinham originariamente um *d* intervocálico: MONSTRATE *mostrate*, VENDITE *vendede*, PARTITE *partide*, etc.; perdeu-se no século XV seguindo a evolução que também se observa na presente, e conservando-se apenas num grupo de verbos irregulares (p. ex. VENITE *viide vinde*, ITE *ide*, TENETE *teede tende*, VIDETE *veede vêde*).

O imperfeito do indicativo português provém das formas do tempo correspondente latino: na primeira conjugação os sufixos são: *-ABAM* > *-ava*, *-ABAS* > *-avas*, *-ABAT* > *-ava*, *-ABAMUS* *-ávamos*, *-ABATIS* > *-ávades* > **-ávaes* > **-ávais* > *-áveis*, *-ABANT* > *-avom* > *-avam*; nas outras conjugações é: *-EBAM* > *-ia* (cf. *-IEBAM* > *-EBAM* > *-ia* e *-IBAM* > *-ia*), *-ias*, *-ia*, *íamos*, *íades* > *-íeis*, *-iam*. Há pouquíssimos verbos irregulares: TENEBAM *tinha*, VENI(E)BAM *vinha*, PONEBAM *punha*, ERAM *era*, e na língua antiga também SEDEBAM *siia*.

O imperfeito do conjuntivo português procede do mais-que-perfeito do conjuntivo latino. Apresenta ainda uma divisão tripartida, sem fusões entre as conjugações portuguesas segunda e terceira: AVISSEM > *-ASSEM* > *-asse*, *-EVISSSEM* > *-ESSEM* > *-esse*, *-IVISSSEM* > *-ISSEM*

> *-isse*, etc. Na segunda pessoa do plural produziu-se a simplificação observada antes, de *-ássedes* a *-ásseis*, etc. Também há alguns verbos que oferecem a mesma irregularidade básica que o pretérito perfeito: *aver – ouvesse*, *ter – tivesse*, *estar – estivesse*, *ser – fosse*, *ir – fosse*, *trazer – trouxesse*, etc. (na língua antiga eram mais, p. ex. *prazer – prouguesse*).

Quanto ao pretérito perfeito, apresenta também uma divisão em formas regulares (ou fracas) e irregulares (ou fortes). Apesar da fusão de conjugações e da simplificação das desinências, o fundo latino é ainda claramente visível: *-AVI* > **-AI* > *-ei*, *-AVISTI* > *-ASTI* > *-aste*, *-AVIT* > **-AUT* *-ou*, *-AVIMUS* > **-AMUS* > *-ámos*, *-AVISTIS* > *-ASTIS* > *-astes*, *-AVERUNT* > *-ARUNT* > *-arom* > *-aram*; para a segunda conjugação portuguesa existe uma série de sufixos de origem latina vulgar, unificada: **-EI* > *-ei* (depois *-i* por analogia com *-IVI* > *-i*, **-ESTI* > *-este*, **-EUT* > *-eu*, **-EMUS* > *-emos*, **-ESTIS* > *-estes*, *-ERUNT* > *-erom* > *-eram*; na terceira portuguesa, a redução deu como resultado: *-IVI* > *-II* > *-i*, *-IVISTI* > *-ISTI* > *-iste*, *-IVIT* > **-IUT* > *-iu*, *-IVIMUS* > *-IMUS* > *imos*, *-IVISTIS* > *-ISTIS* > *-istes*, *-IVERUNT* > *-IRUNT* > *-irom* > *-iram*. Na segunda pessoa do singular existiu uma variante medieval em *-i* (*-sti*); nos dialectos usam-se ainda formas analógicas para *-ste* (*-stes*) e *-stes* (*steis*). O português conserva bastantes pretéritos fortes, directamente deriváveis dos latinos, mas às vezes transformados pela analogia: *HABUI* *houve*, *TENUI* *tive* (analogia com *houve*), *SAPUI* *soube*, *CAPUI* *coube*, *TRAXI* **TRAXUI* *trouxe* (ant. também *trougue*, *trouve*); na língua antiga, foi ainda maior a quantidade dos pretéritos procedentes do tipo *-UI*: *IACUI* ant. *jouve* (cf. *tive*) hoje *jazí*, *PLACUI* ant. *prougue*, *CREDIDI* **CREDUI* *crive* hoje *cri*, *SEDI* **SEDUI* *sive sevi* hoje substituído por *fui*, e talvez ainda *VALUI* **valvi*, *DOLUI* **dolvi* (Huber 1986, 246). Entre os pretéritos que se formavam por reduplicação, a maioria passou a fracos (*DEDI* *dei*); só *STETI* **estede* conserva uma conjugação com aquelas reminiscências, influenciado por *haver* e *ter*: hoje *estive*. É importante o grupo dos verbos que apresentam uma inflexão vocálica por influência do *-i* final: *FECI* *fiz*, *FUI* *foi fui* (com estabelecimento literário da diferença entre as 1ª e 3ª pessoas), *VENI* *vĩ vim* (cf. *VENIT* ?*VENUT* *vẽo veo veio*), *VIDI* *vii vi* (cf. a 3ª do singular, que é fraca: *viiu*). Também persistem alguns chamados pretéritos sigmáticos, como *DIXI* *disse*, antes também *PRAEHENSI* *pris* hoje *prendi*, *DUXI* ant. *dusse*.

Uma das particularidades portuguesas consiste na conservação do uso etimológico, até hoje, nas formas derivadas do mais-que-perfeito latino. As modificações morfo-fonéticas que sofreram as formas latinas foram similares às já comentadas em relação com o pretérito perfeito, originário da mesma raiz: *AMAVERAM* *amara*, *VENDIDERAM* *vendera*, *PARTIVERAM* *partira*, etc. As irregularidades já observadas no pretérito perfeito também se deixam ver aqui: *aver – ouvera*.

A persistência do uso, ainda hoje, do futuro do conjuntivo constitui outra particularidade portuguesa. As formas portuguesas conservam, do ponto de vista semântico e também morfológico, a tradição do futuro perfeito do indicativo latino (*AMAVERO*, *-ERIS*, *-ERIT*, *-ERIMUS*, *-ERITIS*, *-ERINT*), morfo-foneticamente confundido com o perfeito do conjuntivo (*AMAVERIM*, *-ERIS*, *-ERIT*, *-ERIMUS*, *-ERITIS*, *-ERINT*): *amar*, *amares*, *amar*, *amarmos*, *amardes*, *amarem*. Na segunda pessoa do plural destas formas observa-se ainda o *d*, marca perdida no presente.

A inovação mais importante do português foi a implantação do chamado infinitivo pessoal ou flexionado. Há uma divergência de opiniões sobre a origem das formas deste infinitivo, que bem poderia provir de três tempos latinos: o imperfeito do conjuntivo (*CANTAREM*), o perfeito do conjuntivo (*CANTAVERIM*) e o futuro perfeito do indicativo (*CANTAVERO*). A solução mais simples talvez seja considerá-las como um sistema de criação românica, a partir do uso do infinitivo não flexionado, morfologicamente idêntico ao futuro perfeito nas 1ª e 3ª pessoas do singular. O uso, sobretudo, da terceira pessoa em construções subordinadas, p. ex. prepositivas, poderia ter originado a extensão das mesmas estruturas a outras pessoas com a conseguinte formação analógica da flexão; o infinitivo não flexionado, unido aos sufixos pes-

soais naturais, dá o mesmo resultado que p. ex. a evolução fonética das formas conjugadas do futuro perfeito (cf. Togeby 1968, 212, e Körner 1983).

O futuro do indicativo e o condicional tiveram, nas línguas românicas, uma nova expressão baseada no infinitivo e nas formas conjugadas do verbo HABERE: AMARE HABEO *amarei*, AMARE HABEBAM *amaria*. No português antigo, a união entre as partes constituintes foi menos estreita do que é hoje, talvez comparável com o uso do mesmo auxiliar antes do infinitivo (*hei de cantar*). A relatividade desta união observa-se ainda hoje na possibilidade de intercalar o pronome pessoal átono entre os elementos principais: AMARE ILLA(M) HABEO *amá-la-ei*, costume perdido no espanhol depois da Idade Média. Alguns futuros e condicionais apresentam uma redução fonética, como TENERE HABEO *tẽerei terrei terei*.

Os tempos compostos, de criação românica e formados por meio do auxiliar *ter*, permitem a construção, ao lado dos simples, duma multidão de opções para expressar vários tempos. Os tempos simples de *ter*, unidos ao particípio passado, apresentam as seguintes possibilidades de combinação: *tenho, tenha, tinha, tivesse, terei, tiver, teria, ter teres* etc., *ter e tendo amado*. No português antigo, o auxiliar dos transitivos também podia ser *aver*; para os intransitivos era *aver, teer ou seer*.

Além do infinitivo impessoal, só existem duas formas verbais não flexionadas no português, o particípio passado e o gerúndio. O particípio fraco forma-se hoje com as desinências -ĀTU > -ado e -ĪTU > -ido; na língua medieval, a segunda conjugação latina tinha a terminação -ŪTU > -udo, que veio a substituir, desde a época do latim vulgar, os sufixos -ĒTU e -ĪTU. Mudaram de particípio, por conseguinte, os verbos como *saber*: *sabudo* > *sabido*, adaptando-se à terceira. Também há particípios fortes, como DICTU *dito*, etc. O gerúndio é formado, desde as origens da língua, com -ANDU > -ando, -ENDU > -endo e *-INDU > -indo, desaparecendo -IENDO. O particípio presente só se conserva como substantivo (*Levante*) ou adjectivo (*doente, seguinte*); o particípio em -iente é culto.

3. Sintaxe

Os estudos de gramática histórica portuguesa, cultivados com paixão no século passado e no princípio do século XX, concentram-se, como a filologia românica desta época em geral, nos assuntos fonéticos e morfológicos (mas cf. p. ex. Schellert 1958 e Pádua 1960). A sintaxe constitui um conjunto de subsistemas muito variados; é também uma das partes mais abertas e instáveis da língua. Por causa da complicação que supõem as investigações sintácticas por natureza e ainda mais as diacrónicas, não é de estranhar que os conhecimentos actuais sobre este campo sejam muito incompletos. Não obstante, talvez possam citar-se algumas particularidades sintácticas ilustrativas, nos domínios nominal, pronominal e verbal.

No campo da sintaxe nominal, o português ajusta-se à linha ibero-românica geral, com certos arcaísmos, como a conservação do uso do artigo definido perante os sintagmas nominais compostos de pronome possessivo e substantivo: *a minha terra*, etc. (não obstante: *meu pai*), construção também usada no castelhano medieval. A preposição *a* como marca de objecto animado ou pessoal não tem a mesma extensão que oferece na língua vizinha citada (Delille 1970; → 427, 2.2.2.1.). A preposição *para*, que se formou como justaposição de *por/per* e *a*, por outro lado, usa-se com uma maior riqueza e frequência que no castelhano. Desde as origens da língua, a alta frequência de *pera* (depois do século XVI *para*, com a variante átona abreviada *pra*) reflecte p. ex. o significado «terminal» bem estabelecido em oposição com a preposição *a* (Riiho 1979, 281; cf. também a recensão crítica de Böckle 1983).

A discussão sobre a posição original dos pronomes pessoais átonos foi uma das mais importantes que conheceu a linguística românica primitiva no campo da sintaxe. A colocação destes pronomes foi objecto duma lenta transformação a partir da ênclise do tipo latino em

directão à próclise, observada em todas as línguas românicas. O português europeu parece que é a língua mais conservadora neste aspecto; além da posposição ao verbo no imperativo afirmativo, conhecida em muitas línguas modernas, p. ex. no francês (*fais-le*) e no castelhano (*hazlo*), e sistemática também no português, o domínio linguístico lusitano apresenta a mesma ênclise em muitos outros contextos, guardando o princípio antigo latino da dependência dos (en)clíticos de qualquer elemento tónico anterior ao átono (p. ex. *vejo-te, não o viste, alguém to dirá, posso ajudar-te, para to dizer*, etc.; → 426, 5.2.) A evolução histórica que culminou com a situação actual ofereceu um quadro complicado de vacilações (Ramsden 1963, 132–133). A ênclise geral do português europeu contrasta com a situação muito diferente do português do Brasil, que é mais favorável a próclise, mas em alguns casos surpreendentemente permissivo quanto à ênclise em contextos em que esta seria impossível no padrão europeu. Todo o sistema dos pronomes pessoais átonos poderia considerar-se como uma espécie de conjugação objectiva, onde os afixos pronominais seriam comparáveis aos elementos indicadores do sujeito da conjugação normal (Rothe 1966). Se for assim, o português talvez seja a língua românica mais inovadora neste sentido, com o alto grau de união morfofonética que apresentam o pronome e o verbo (cf. 2. 1.).

Quanto ao tratamento pessoal, a evolução também deu resultados diferentes, entre Portugal e o Brasil, no uso dos pronomes (cf. 2. 1.), permitindo a extensão de *você* no campo semântico de *tu* no Brasil. As transformações políticas do ano 1974 aumentaram o uso de ambas as formas em Portugal (→ 421, 8; 441).

Na sintaxe verbal, o português também não apresenta diferenças sistemáticas fundamentais com respeito à linha geral das outras línguas ibero-românicas. Quanto ao uso dos tempos verbais, o português usa o pretérito perfeito simples (*falei*), frente ao composto (*tenho falado*), expressamente, e com muita frequência, para acentuar o carácter definitivamente consumado da acção, independentemente da proximidade temporal da acção e o momento em que se fala; observa-se isto também no galego actual e p. ex. no falar dos espanhóis procedentes da Galiza. As particularidades portuguesas, como o uso vivo do futuro do conjuntivo e do mais-que-perfeito simples, bem como do infinitivo pessoal, constituem naturalmente factores distintivos, comparáveis ao uso preferente dumas construções sintácticas (p. ex. *estou a falar*) frente a outras, usadas em outras línguas (cast. *estoy hablando*). Em muitos casos, o português compartilha a evolução posterior à Idade Média experimentada pelo castelhano; a concordância do particípio passado com o complemento directo, comum na língua antiga, já não se produz. Em outros contextos, o uso português do verbo fica relacionado com os costumes gerais da construção de orações, como p. ex. na resposta a uma pergunta por meio dum forma do mesmo verbo (Spitzer 1937, 165), em vez de advérbio ou verbo acompanhado de pronome clítico.

4. Léxico

Como se pode deduzir dos exemplos usados nos parágrafos correspondentes à fonética e morfologia, os fundamentos do vocabulário português provêm do latim (→ 447, 3.). Dentro do fundo latino, estendido ao mundo românico observa-se a tendência geral para o uso de palavras de origem popular (BUCCA *boca*, frente a OS). O contacto secular com o mundo da ciência e da religião, que usava o latim, contribuiu para a criação de vozes portuguesas cultas (p. ex. EPISCOPU *bispo*). Às vezes existem até duas palavras da mesma origem, uma popular e outra culta (p. ex. PALATIUM *paço/palácio*). No campo do léxico, as evoluções e preferências portuguesas ajustam-se bastante bem às castelhanas, diferindo do domínio galo-românico: COMEDERE port. cast. *comer*, MANDUCARE cat. *menjar* fr. *manger*. Dentro das possibilidades oferecidas pelo latim, o português escolheu a miúdo um caminho particular; foi

o caso p. ex. dos nomes dos dias da semana: *segunda-feira* em vez de *lunes* (Rohlf's 1949, 88–94).

Os elementos estrangeiros são de origem vária (→ 447). Provêm do substrato pré-romano não indo-europeu, possivelmente basco: *esquerdo*, *bizarro*, *modorra*, *cachorro*, *zorro*. Também há elementos de origem provavelmente celta, como o próprio nome de *Galiza* e *galego*, talvez até o topónimo *Portugal* (Louro 1962/1963, 118), *carro*, *camisa*, *cerveja* e o substantivo *-briga* nos topónimos como CONIMBRIGA *Coimbra*. O nome de *Lisboa*, por outro lado, parece que tem conexões com a família dos topónimos em IPPO do norte da África. A convivência com os germanos deixou muitas palavras referentes à guerra: *elmo*, *espora*, *roubar*, *guardar*, e p. ex. o topónimo WIMARANIS *Guimarães*. A época da Reconquista estabeleceu um contacto com a alta cultura árabe e também deixou bastantes palavras: *álcool*, *alfândega*, *aldeia*, *marfim*, *quilate*, e p. ex. o topónimo *Algarve*. As línguas românicas deixaram empréstimos variados: *mantilha* (espanhol), *linhagem* (provençal), *deão* (francês), *bússola* (italiano). Os contactos com o mundo extra-europeu introduziram novas coisas e nomes como o *chá* de origem chinesa. E por último, a extensão da língua portuguesa à América enriqueceu o vocabulário comum com muitas novidades e contribuiu para criar a modalidade brasileira da língua, que contém alguns elementos não usados em Portugal, p. ex. os tupismos *açu* ‘grande’ e *mirim* ‘pequeno’, e o africanismo *quimbôto* ‘feiticeiro’.

Os nossos conhecimentos actuais sobre a formação e a evolução histórica do português provêm na sua grande maioria da época anterior à segunda guerra mundial; muitos pormenores foram discutidos com profundidade só no século passado. Por causa desta situação, compartilhada pela tradição filológica de outras línguas românicas, existe uma necessidade urgente de reescrever e reconsiderar capítulos importantes da gramática histórica, por meio da ampliação da base documental a novas edições bem como através da aplicação ao estudo diacrónico das possibilidades que oferece o progresso da teoria linguística geral.

5. Bibliografia

Alonso, Amado, *Estudios lingüísticos. Temas españoles*, Madrid, Gredos, ¹1951.

Baldinger, Kurt, *La formación de los dominios lingüísticos en la Península ibérica*, Madrid, Gredos, ²1972 (*Die Herausbildung der Sprachräume auf der Pyrenäenhalbinsel*, Berlin, Akademie-Verlag, 1958).

Böckle, Klaus, *Eine diachronische Untersuchung zum Verhältnis von por und para in der Iberoromania: Kritik und Ergänzungen*, ZrP 99 (1983), 69-83.

Boléo, Manuel de Paiva, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, Lisboa, Revista de Portugal, 1946.

Boléo, Manuel de Paiva, *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. 1, 1/2: *Dialectologia e História da Língua*, Coimbra, Universidade, 1974/1975.

Bueno, Francisco da Silveira, *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*, 8 vol., São Paulo, Saraiva, 1963-1967.

Câmara jr., Joaquim Mattoso, *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis, Vozes, ¹⁶1986 (¹1970).

Câmara jr., Joaquim Mattoso, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão, ²1976 (¹1975) (*The Portuguese Language*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1972).

Cardoso, Wilton/Cunha, Celso, *Estilística e Gramática Histórica*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

Coelho, F. Adolpho, *Diccionario Manual Etymologico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Plantier, s.a.

- Coelho, Jacinto do Prado, *Pronúncia do português medieval*, RP 10 (1946), 217-221.
- Cornu, Jules, *Études de grammaire portugaise* III. *Les nominatifs* DEUS, MEESTRE MESTRE, LADRO, TREDRO TREDRO, ANVIDOS, FIUS FIS, PRESTES, SAGES, MAIRE, R 11 (1882), 79–81.
- Cornu, Jules, *Die portugiesische Sprache*, in: Gröber, Gustav (ed.), *Grundriss der romanischen Philologie*, vol. 1, Strassburg, Trübner, ²1904–1906, 916–1037.
- Costa, P.^o Avelino de Jesus da, *Os mais antigos documentos escritos em português*, RPH 17 (1979), 263–340.
- Coutinho, Ismael de Lima, *Gramática Histórica*, Rio de Janeiro, Livro Técnico, ⁷1976 (reimpr. 1986) (¹1938).
- Cunha, António Geraldo da, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- Delille, Karl-Heinz, *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen*, Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.
- Dias Augusto Epiphanyo da Silva, *Syntaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica, ²1933.
- Fonseca, Fernando Venâncio Peixoto da, *Noções de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica, 1959.
- Huber, Joseph, *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986 (*Altportugiesisches Elementarbuch*, Heidelberg, Winter, 1933).
- Jungemann, Frederick H., *La teoría del sustrato y las dialectos hispano-romances y gascones*, Madrid, Gredos, 1955.
- Körner, Karl-Hermann, “Teilungsartikel” im Französischen und “präpositionaler Akkusativ” im Spanischen: komplementäre Lösungen des gleichen syntaktischen Problems, in: Kohrt, M./Lehnerz, J. (edd.) *Sprache: Formen und Strukturen. Akten des 15. Linguistischen Kolloquiums, Münster 1980*, Tübingen, Niemeyer, 1981, 151–160.
- Körner, Karl-Hermann, *Wie originell ist der flektierte Infinitiv des Portugiesischen?*, in: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.), *Portugiesische Sprachwissenschaft*, Tübingen, Narr, 1983, 77–103.
- Lapa, M. Rodrigues, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Acta Universitatis, 1982.
- Leão, Duarte Nunes de, *Origem da Língua Portuguesa*, Lisboa, Cultura Literária, 1945 (¹1606).
- Lorenzo, Ramón: *Considerações sobre as vocais nasais e o ditongo -ão em português* in: Kremer, Dieter (ed.), *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*, Tübingen, Niemeyer, 1988, 289–326.
- Louro, José Inês, *Notas toponímicas I. Gaia – Portugal*, BF 21 (1962/1963), 117–119.
- Machado, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vol., Lisboa, Confluência, ¹1952–1959 (Lisboa, Horizonte, ³1977).
- Machado, José Pedro, *Influência Árábica no Vocabulário Português*, 2 vol., Lisboa, Revista de Portugal, 1958.
- Machado, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vol., Lisboa, Confluência, 1984.
- Maia, Clarinda de Azevedo, *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, INIC, 1986.
- Malkiel, Yakov, *The development of three Late Latin consonant clusters in Old Spanish and Old Portuguese*, NM 85 (1984), 7–18.
- Melo, Cladstone Chaves de, *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Académica, ⁵1975.
- Meier, Harri, *Ensaio de Filologia Românica*, Lisboa, Revista de Portugal, 1948.

- Morais-Barbosa, Jorge, *Études de phonologie portugaise*, Évora, Universidade, ²1983 (¹1965, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar).
- Moreira, Júlio, *Estudos da Língua Portuguesa. 1ª Série. Subsídios para a Syntaxe Histórica e Popular*, Lisboa, Livraria Clássica, 1907.
- Naro, Anthony J., *Estudos Diacrônicos*, Petrópolis, Vozes, 1973.
- Nascentes, Antenor, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. 1, Rio de Janeiro, ²1955 (¹1932), vol. 2, Rio de Janeiro, 1952.
- Neto, Serafim da Silva, *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1952.
- Neto, Serafim da Silva, *Manual de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Académica, ²1957 (¹1952).
- Nogueira, Rodrigo de Sá, *Curso de Filologia Portuguesa*, vol. 1: *Noções gerais e fonética histórica*, Lisboa, José Fernandes Júnior, 1932.
- Nunes, José Joaquim, *Phonetica histórica portuguesa*, RLus 3 (1895), 251–307.
- Nunes, José Joaquim *Crestomatia Arcaica*, Lisboa, Livraria Clássica, ⁸1981 (¹1906).
- Nunes, José Joaquim, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica, ⁸1975 (²1930).
- Pádua, Maria da Piedade Canaes e Mariz de, *A ordem das palavras no português arcaico (Frases de verbo transitivo)*, Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, 1960.
- Paxeco, Elza, *Galicismos Arcaicos*, Lisboa, Revista de Portugal, 1949.
- Pensado, José Luis, *Estudios etimológicos galaico-portugueses*, Salamanca, Acta Salmanticensia, 1965.
- Piel, Joseph M., *Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional, 1936, vol. 2, Lisboa, Jorge Fernandes, 1945.
- Piel, Joseph M., *Estudos de Linguística histórica golego-portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- Ramsden, Herbert, *Weak-Pronoun Position in the Early Romance Languages*, Manchester, University Press, 1963.
- Riiho, Timo, *Por y para*, Helsinki/Helsingfors, Societas Scientiarum Fennica, 1979.
- Roberts, Kimberley S., *An Anthology of Old Portuguese*, Lisboa, Livraria Portugal, s. a.
- Rohlf, Gerhard, *Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes*, BF 10 (1949), 88-94.
- Rothe, Wolfgang, *Romanische Objektkonjugation*, RF 78 (1966), 530-547.
- Said Ali, Manuel, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, ⁷1964 (¹1921).
- Schellert, Dietrich, *Syntax und Stilistik der Subjektstellung im Portugiesischen*, Diss. Bonn, 1958.
- Sequeira, Francisco Júlio Martins, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, ³1959.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e, *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e, *O Português Arcaico: Fonologia*, São Paulo, Contexto, 1991.
- Sletsjõe, Leif, *Le développement de l et n en ancien portugais*, Oslo/Paris, Presses Universitaires d'Oslo/Boyveau & Chevillet, 1959.
- Spitzer, Leo, *Du langage-écho en portugais*, BF 5 (1937), 165–169, 374–376.
- Sten, Holger, *Les particularités de la langue portugaise*, Copenhague, Cercle Linguistique, 1944.
- Tallgren-Tuulio, Oiva Johannes, *Las ç y z del antiguo castellano iniciales de sílaba estudiadas en la inédita «Gaya» de Pero Guillén de Segovia*, Helsinki/Helsingfors, Société Néophilologique, 1906.

- Tarallo, Fernando, *Tempos Lingüísticos. Itinerário histórico da língua portuguesa*, São Paulo, Ática, 1990.
- Tavares, José Pereira, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Armando J. Tavares, 1923.
- Teyssier, Paul, *Histoire de la langue portugaise*, Paris, PUF, 1980 (*História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1982).
- Togebý, Knud, *L'énigmatique infinitif personnel en portugais*, in: id., *Immanence et structure. Recueil d'articles publié à l'occasion du cinquantième anniversaire de Knud Togebý*, Copenhague, Akademisk forlag, 1968 (= RRo, N° Spécial 2).
- Vasconcel(l)os, José Leite de, *Curso de língua Portuguesa Archaica*, RLus 3 (1895), 19–50.
- Vasconcel(l)os, José Leite de, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, ²1970 (¹1901, Paris, Aillaud).
- Vasconcel(l)os, José Leite de, *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Nacional, ²1926.
- Vasconcel(l)os, José Leite de, *Estudos de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1961.
- Vasconcel(l)os, Carolina Michaëlis de, *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, Revista de Portugal, 1946.
- Vian(n)a, A. R. Gonçalves, *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, R 12 (1883), 29–98 (2^a ed.: BF 7, 1941, 161–243).
- Vian(n)a, A. R. Gonçalves, *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para Uso de Nacionaes e Estrangeiros*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.
- Williams, Edwin B., *From Latin to Portuguese*, Philadelphia/Oxford, University of Pennsylvania Press/Oxford University Press, 1938 (*Do Latim ao Português*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ³1975).

Timo Riiho, Helsínquia